

CAPITAL DE HERANÇAS: VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE E SEU COTIDIANO, REFLEXÕES SOBRE TRADIÇÕES QUILOMBOLAS A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA

Lucas Mateus Faria Silva  ¹, Rosane Duarte Rosa Seluchinesk  ²

Laudemir Luiz Zart  ³ e Adriano Batista Castorino  ⁴

Resumo

Este trabalho versa sobre uma vivência de pesquisa etnográfica com povos quilombolas de Vila Bela da Santíssima Trindade – MT, durante a realização da disciplina de Etnografia e Pesquisa em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso. A pesquisa teve como objetivo experienciar os conhecimentos e estratégias da etnografia para acessar informações que promovessem reflexões acerca das complexas dinâmicas que envolvem as subjetividades, interações e práticas sociais existentes no referido espaço. Como estratégia de trabalho foi realizada uma etapa preparatória com textos, filmes, músicas, poesias e relatos autobiográficos dos participantes do curso e depois outra etapa com uma experiência imersiva em campo. Nesta dinâmica foi possível articular os saberes acessados durante as aulas com as atividades vivenciadas na ida a campo. As observações, as escutas e os registros foram guiados pelo pressuposto de que sempre é necessária uma interação com o outro de modo que naquele espaço, os outros eram também os pesquisadores. Dito isso, podemos afirmar que a experiência de pesquisa vivenciada nos permitiu compreender as múltiplas dimensões culturais presentes nessa comunidade, examinando como as heranças históricas/culturais moldaram e continuam a influenciar a vida cotidiana dos seus habitantes.

Palavras-chave: Etnografia; Mato Grosso; Práticas sociais.

CAPITAL OF HERITAGES: VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE AND ITS EVERYDAY LIFE, REFLECTIONS ON QUILOMBOLA TRADITIONS FROM AN ETHNOGRAPHIC EXPERIENCE.

Abstract

This paper discusses an ethnographic research experience with Quilombola people from Vila Bela da Santíssima Trindade – MT, during the Ethnography and Research in Education course of the Graduate Program in Education at the State

¹ Graduado em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UFMT) e em Pedagogia pela Faculdade dos Campos Elíseos. Especialista em Literatura Brasileira pela Faculdade São Braz. Profissional Técnico do Ensino Superior na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

² Doutora em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (UNB). Professora titular da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) em cursos de graduação e de pós-graduação.

³ Doutor em Política Científica e Tecnológica pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor Adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) em cursos de graduação e de pós-graduação.

⁴ Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT).



University of Mato Grosso. The research aimed to experience the knowledge and strategies of ethnography to access information that would promote reflections on the complex dynamics involving subjectivities, interactions, and social practices existing in this space. As a work strategy, a preparatory stage was carried out with texts, films, music, poetry, and autobiographical accounts from the course participants, followed by an immersive field experience. In this dynamic, it was possible to articulate the knowledge accessed during the classes with the activities experienced during the field visit. The observations, listening, and recordings were guided by the premise that interaction with others is always necessary, so in that space, the others were also the researchers. That said, we can affirm that the research experience allowed us to understand the multiple cultural dimensions present in this community, examining how historical/cultural heritages have shaped and continue to influence the daily lives of its inhabitants.

Keywords: Ethnography; Mato Grosso; Social Practices.

1. Introdução

Em seus 271 anos, a cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, outrora Cidade de Mato Grosso, foi palco de diversos acontecimentos que a consagraram como protagonista na preservação da história e memória do estado de seus habitantes. Ao voltarmos para os primeiros momentos desta história, nos deparamos com um processo de colonização, desenvolvido pelas coroas espanhola e portuguesa na América do Sul durante o século XVIII, no qual Mato Grosso esteve em evidência devido de sua posição geográfica e riquezas naturais. A existência dos recursos naturais, bem com a proximidade da fronteira justificaram a presença de militares e exploradores que invadiram e ocuparam terras indígenas para explorar minérios e garantir a soberania do estado brasileiro. Nesse contexto, “Vila Bela foi implantada no interior do Brasil, nas fronteiras dos territórios colonizados pelos portugueses e espanhóis, com a finalidade de assegurar os predicados de colonização e proteção territorial” (Sousa; Trevisan, 2019, p.1). Uma vez que:

As minas do Mato Grosso e o rio Guaporé passaram a assumir papel político de interesse crucial para a Metrópole, que se apressou em criar uma capitania para administrar de perto os interesses da Coroa. Assim, em 1748, D. João V cria a Capitania de Mato Grosso e ordena o estabelecimento de sua capital às margens do Guaporé (Canova, 2008, p.78).

Partindo daí, é possível compreender as ações-intenções políticas e econômicas da Coroa Portuguesa no processo de fundação da cidade de Vila Bela como primeira capital do Estado do Mato Grosso no ano de 1752, pois, como esclarece Lordelo (2009, p.3), a cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade está situada na parte mais ocidental da capitania de Mato Grosso. Diferentemente de se estabelecer em algum dos povoados já existentes, optou-se por construí-la em um local selecionado, às margens do rio Guaporé, em uma região chamada



Pouso Alegre, que naturalmente faz fronteira com as terras espanholas. Essa decisão foi tomada em 1752, com o propósito de tornar Vila Bela a capital da capitania de Mato Grosso.

A fundação de Vila Bela representou a realização de um objetivo da Coroa portuguesa, que almejava ocupar territórios disputados na fronteira luso-espanhola, localizados na região centro-oeste da América do Sul. Neste panorama de conflitos entre grandes potências da época, destaca-se também, a perseguição dos colonizadores com povos indígenas que habitavam a região e possuíam seu modo de vida e que tiveram que lutar por sua existência e território. E é nesse cenário que os primeiros negros escravizados foram levados para Vila Bela, pois “entre 1752 e 1778, a maior parte dos escravos que entraram em Mato Grosso, em especial os que se destinavam a Vila Bela, foram comercializados pela Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão¹” (Volpato, 1996, p. 215).

No período de 1752 a 1820, Vila Bela da Santíssima Trindade desempenhou o papel de capital de Mato Grosso, desfrutando de significativa proeminência política e econômica, o que contribuiu para a expansão e salvaguarda do território fronteiriço. A partir de 1820, compartilhou a administração provincial com Cuiabá, marcando um momento de descentralização política. Nesse contexto, Vila Bela foi renomeada como cidade de Mato Grosso. Em 1835, a capital de Mato Grosso foi transferida para Cuiabá. No entanto, posteriormente, por meio da Lei Estadual nº 4.014, de 29 de novembro de 1978, a cidade de Mato Grosso recuperou definitivamente sua denominação original, Vila Bela da Santíssima Trindade (Mato Grosso, 2024, p.1).

Não levou muito tempo para que problemas como a insalubridade viessem assolar a então capital da Capitania de Mato Grosso, bem como sua população em geral. Segundo Facchinetto (2009), as doenças endêmicas se proliferaram entre os moradores de Vila Bela pela falta de saneamento básico e principalmente pela precariedade de condições de trabalho e habitação dos escravos, o que reduziu ainda mais a expectativa de vida dessa população. Estas mazelas, aliadas a fatores naturais, como a seca, as enchentes do rio Guaporé, bem como a defasagem na extração de ouro foram determinantes para a instauração da alcunha de “terra doentia” à Vila Bela. Este cenário de declínio das atividades econômicas também atingiu a produção de alimentos e o comércio em geral.

A base da economia vilabelense era o garimpo. O ouro “catado” era o superficial, até onde a vista alcançava, devido à falta de instrumentos adequados para o garimpo. Tão instável quanto a

¹ Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão - Criadas durante a administração pombalina as companhias monopolistas de comércio foram parte integrante dos planos de reestruturação econômica de Portugal. Essas organizações acabariam por controlar a entrada e saída dos produtos das colônias portuguesas, antes realizadas, em sua maioria, por comerciantes estrangeiros (Rodrigues, 2006, p. 1).



produção do ouro estava o comércio, dependente de produtos vindos de capitâncias distantes barrando ainda na dificuldade de acesso à vila. A produção agrária era precária: as constantes cheias do rio arrasaram as plantações, enquanto, por sua vez, os períodos de seca prolongada impediam as boas colheitas (Facchinetto, 2009, p. 2).

Partindo deste prisma, é possível compreender claramente o processo de abandono que prevaleceu sobre Vila Bela. Sobretudo, após a designação da capital do estado de Mato Grosso, que estava sediada em Vila Bela, para Cuiabá a partir de 1835. Este período foi marcado pela migração da população branca para a nova capital, uma vez que:

Com a transferência da elite branca, que paulatinamente havia começado a se mudar acompanhando a transferência das repartições públicas para Cuiabá em 1920, muitas famílias deixaram seus escravos no local, episódio importante para o processo de reelaboração da identidade étnica dos negros livres que ficaram na cidade e dos negros aquilombados que mais tarde vieram se juntar a eles na cidade abandonada pelos brancos (Carvalho, 2011, p.10).

Dessa forma, infere-se que este movimento promovido pela elite branca de Vila Bela da Santíssima Trindade para Cuiabá, teve um impacto significativo na dinâmica social e étnica da cidade. Esse processo histórico proporcionou um cenário em que muitas famílias escravizadas foram deixadas para trás, desencadeando um importante episódio na reelaboração da identidade étnica tanto dos negros livres que permaneceram na cidade quanto dos negros que viviam em quilombos e posteriormente se juntaram a eles.

A partir do momento que foram deixados para trás por seus algozes, os negros já livres tiveram que lidar com o desafio de redefinir suas próprias identidades em um contexto de mudança social e econômica. Isso implicou na reconstrução de vínculos sociais, recriação de práticas culturais e reconfiguração de redes de solidariedade. Ademais, a chegada dos negros aquilombados que se juntaram aos negros livres na cidade abandonada pela elite branca contribuiu para a consolidação de uma nova identidade étnica. Essa fusão de experiências e vivências trouxe consigo novos aspectos culturais, formas de resistência e uma maior coesão comunitária. Para tanto, compreender o contexto dos quilombos nessa dinâmica é fulcral para o desenvolvimento deste estudo, visto que

A Cultura Quilombola, enquanto esfera social, permite aos indivíduos expressarem seus valores e princípios e vincularem-se de forma simbólica e afetiva ao grupo. Por ser um espaço de trocas e compartilhamento de conteúdos simbólicos-afetivos, permite aos sujeitos que se sintam pertencentes a esse universo particular e se apropriem de vozes e conteúdos inerentes à realidade em questão (Furtado, Pedroza, Alves, 2014).



Por essa lente, infere-se que a cultura quilombola desempenha um papel fundamental na identidade e coesão social, possibilitando a oferta de um espaço onde os indivíduos podem expressar e preservar seus valores e tradições, fortalecendo os laços simbólicos e emocionais que os unem como uma comunidade. Esta cultura, ao permitir o compartilhamento de elementos simbólicos e afetivos, possibilita que os membros se sintam pertencentes a uma realidade única. Além disso, ao apropriar-se desses conteúdos culturais, os indivíduos contribuem para a perpetuação e a evolução da cultura quilombola ao longo do tempo. Deste modo, a presença dos quilombos, como locais de convivência autônoma para os escravizados, possibilitou encontros entre indivíduos em condições semelhantes, mesmo que suas raízes culturais fossem diversas e

Resultantes de deportações de várias regiões da África por traficantes de escravos, possibilitando evidenciar que os quilombos desempenharam o papel de espaços de afirmação cultural, modos de vida comunitários e expressões religiosas (Furtado, Pedroza, Alves, 2014, p.109).

Partindo dessa ideia, é possível deduzir que os quilombos se apresentam como espaços de convivência, evidenciando a discussão que ressalta a importância desses lugares como locais onde os escravizados encontravam liberdade e solidariedade, possibilitando a interação entre pessoas de diferentes origens culturais africanas. Nestes refúgios era possível preservar a cultura, a vida comunitária e a religiosidade, destacando a capacidade de resistência cultural e identitária dessas comunidades. Quando nos debruçamos sobre essa leitura e refletimos sobre termos como a "afirmação de identidade", entendemos que os quilombos não apenas proporcionam um espaço físico, mas também um espaço de reconexão com as raízes culturais e afirmação de sua humanidade.

O mesmo vale para quando observamos o termo "resistência", que marca a luta contra a opressão social e a exclusão, indicando que os quilombos eram espaços onde os indivíduos podiam desafiar ativamente o sistema de escravidão. Essa discussão levanta questões importantes para a pesquisa em antropologia e sociologia, como a natureza da resistência cultural, a importância da identidade cultural na formação de comunidades resilientes e o papel dos espaços de convivência na preservação das tradições culturais.

Os deuses africanos continuavam vivos entre os escravos da América, como vivos continuavam, alimentados pela saudade, os mitos e as lendas das pátrias perdidas. Parece evidente que assim os negros expressavam, em suas cerimônias, em suas danças, em seus exorcismos, a necessidade de afirmação de uma identidade cultural que o cristianismo negava (Galeano, 1971, p.60).

A existência do quilombo como espaço de resiliência cultural, sugere a necessidade de uma análise mais profunda sobre as práticas culturais e sociais realizadas nestes ambientes, bem como o impacto dessas comunidades na história e na formação de identidades afrodescendentes. A possibilidade de



reafirmar suas identidades permitiu aos indivíduos adotar uma postura ativa de resistência, luta e contestação frente à submissão e exclusão impostas aos escravizados pela sociedade.

Para tanto, uma das marcas da metodologia adotadas para esta escrita, foi a preparação prévia em sala de aula, de forma coletiva e mediada por discussões e leituras em volta de obras e autores que compõem o bojo da Etnografia, Antropologia e Sociologia. Nesse cenário, destacam-se autores como Oliveira (1996), Galeano (1971), Geertz (2015), Volpato (1996) e Santos (1940). Tais leituras encontram-se fundidas ao lastro teórico deste trabalho e mostram-se vitais na elaboração da escrita, uma vez que este trabalho realizou a investigação de registros históricos, narrativas orais e estudos socioculturais da cidade, no intuito de aprofundarmos nossa compreensão sobre a complexidade desse período de transição e suas implicações duradouras na identidade étnica da população de Vila Bela.

Neste sentido, a opção por uma metodologia pautada na leitura e escrita das memórias históricas, interações e manifestações de personagens do cotidiano de Vila Bela, está firmada no relato auto etnográfico das percepções, inferências e experiências oriundas do processo de imersão vivenciado pelos autores deste texto. Bondia (2002, p. 28), enfatiza que “o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente e pessoal”. Estes elementos também estão presentes na auto etnografia, pois uma vivencia sempre se torna única para quem a vivenciou, assim numa dada situação mesmo que duas pessoas estejam presentes no mesmo espaço e tempo, poderão apresentar diferentes entendimentos, a partir das suas reflexões. Partindo desta perspectiva foram estabelecidas relações de confiança com os moradores locais, ora no diálogo espontâneo, ora na forma de entrevistas, ou mesmo em observações participantes, sempre na expectativa de compreender o máximo possível sobre as histórias entrelaçadas de diferentes grupos étnicos e suas práticas sociais.

Ao tratarmos de um relato auto etnográfico, tendo como ponto de partida as dinâmicas que envolveram o contato com lugares e pessoas, trocas de experiências, observação, anotações, escritas e inferências, temos que considerar algumas obras e pesquisadores que contemplam a área de estudos sociais, antropologia e etnografia.

Para tanto, ao nos debruçarmos sobre o método de pesquisa etnográfico, pudemos constatar que alguns fenômenos e manifestações de determinados povos e lugares apresentam uma singularidade que só é possível de ser visualizada quando estamos também presentes e imersos na generosidade de quem compartilha um saber, uma história, uma vivencia.

A Etnografia é a especialidade da antropologia, que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, sua língua, raça, religião, e manifestações materiais de suas atividades, é parte ou disciplina integrante da etnologia é a forma de descrição da cultura material de um determinado povo (Mattos, 2011, p. 53).



Por este panorama torna-se possível inferir que a etnografia desempenha um papel fundamental como uma especialidade dentro do campo da antropologia, dedicada ao estudo e descrição minuciosa dos povos. Seu objetivo principal é compreender e documentar aspectos como língua, raça, religião e as manifestações materiais que permeiam suas atividades cotidianas. É importante destacar que a etnografia é diretamente relacionada à etnologia, sendo considerada uma de suas partes integrantes e disciplinas complementares. Por meio da etnografia, os pesquisadores buscam adentrar nas comunidades e contextos específicos, estabelecendo uma relação próxima com os sujeitos de estudo. Para isso, costuma-se utilizar técnicas como a observação participante, entrevistas e análise de documentos para desvelar e compreender as práticas culturais e os sistemas de significados presentes em determinado grupo étnico.

Um dos principais enfoques da etnografia é a descrição da cultura material do povo estudado, e isso envolve a análise detalhada dos objetos, artefatos, construções e outros elementos materiais que fazem parte da vida cotidiana da comunidade em questão. Essa abordagem minuciosa permite uma compreensão mais profunda da relação entre a cultura material e os significados atribuídos pelos indivíduos dentro de seu contexto sociocultural. Ao realizar a descrição da cultura material, a etnografia contribui para o mapeamento e preservação do patrimônio cultural, além de fornecer *insights* valiosos sobre a identidade, dinâmicas sociais, relações de poder e mudanças socioculturais que ocorrem ao longo do tempo. Vale ressaltar ainda que a etnografia não se limita apenas à descrição, mas também engloba uma análise interpretativa dos dados coletados. É pelo viés dessa forma de análise interpretativa, que os etnógrafos podem identificar padrões culturais, contradições, transformações e outras nuances que revelam a complexidade da vida social e cultural dos povos estudados.

Nesse sentido, alguns autores como Geertz (2015) e Oliveira (1996) apresentam discussões sobre conceitos e técnicas relevantes ao processo de observação, análise, descrição etc. atrelado ao estudo etnográfico. Para o desenvolvimento deste trabalho, alguns estudos e apontamentos destes autores foram fundamentais, pois tanto Roberto Cardoso de Oliveira quanto Clifford James Geertz são estudiosos renomados no campo da antropologia, com contribuições significativas para a etnografia. Embora tenham abordagens e perspectivas distintas, ambos compartilham o interesse em compreender as complexidades das sociedades humanas por meio da observação e descrição detalhada das práticas culturais, o que está diretamente ligado com a proposta desta produção, bem como com o objetivo da atividade desempenhada da aula de campo.

Roberto Cardoso de Oliveira, antropólogo brasileiro, é conhecido por sua abordagem estruturalista e sua ênfase na análise das relações sociais. Ele enfatiza a análise dos sistemas de parentesco, hierarquias e outras estruturas sociais como chave para a compreensão das dinâmicas culturais. Nesse contexto, Oliveira (1996) apresenta uma tríade que rege as ações do pesquisador na antropologia e etnografia como sendo as habilidades de olhar, ouvir e escrever. E destaca ainda que uma pesquisa etnográfica implica na



junção destas três instâncias. Primeiramente, o ato de olhar é essencial na pesquisa etnográfica, pois permite aos pesquisadores captarem as relações sociais e os elementos visíveis presentes em um determinado grupo estudado. É na observação cuidadosa, que se torna possível registrar e compreender os comportamentos, interações e dinâmicas sociais que ocorrem na comunidade em questão. Quando isso é feito em estudos educacionais a etnografia passa, de acordo com Seluchinesk e Jesus (2022), a ter um caráter sócio interativo, sensível, rica em detalhes e fidedigna ao que relata. Isso porque a etnografia possibilita olhar o outro, sair do local de fala para se tornar ouvinte, e, no ato da escrita, transportar-se para a realidade observada.

No entanto, a apreensão do significado dessas relações sociais vai além do simples ato de olhar. É necessária a escuta atenta, ou seja, o envolvimento sensorial e interpretativo dos pesquisadores para compreender os aspectos simbólicos, as nuances culturais e os significados atribuídos pelos membros do grupo estudado. A escuta permite aos pesquisadores captarem as vozes, narrativas e discursos que permeiam a vida social e cultural da comunidade. Por último, é através da escrita cuidadosa e reflexiva que os pesquisadores registram suas observações, anotações de campo, entrevistas e análises interpretativas. A escrita etnográfica permite a organização e comunicação dos dados coletados, bem como a construção de narrativas que retratam a complexidade e riqueza da cultura e sociedade estudada.

Dessa forma, a tríade da pesquisa etnográfica proposta por Oliveira enfatiza a importância de educar os sentidos, incluindo olhar, ouvir e escrever. Essas três instâncias são complementares e interdependentes, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada das relações sociais, significados culturais e dinâmicas presentes nos grupos estudados na pesquisa etnográfica e foram de grande valia no desenvolvimento desta atividade.

Por outro lado, Clifford Geertz, argumenta que a cultura é um sistema de significados compartilhados e que a compreensão desses significados é essencial para entender uma sociedade. Sua obra clássica, "A Interpretação das Culturas" (2015), destaca a importância da interpretação simbólica e da análise dos contextos culturais específicos. Apesar das diferenças em suas abordagens teóricas, tanto Oliveira quanto Geertz valorizam a etnografia como uma ferramenta essencial para o estudo antropológico. Ambos enfatizam a importância da imersão no campo, da observação participante e da descrição detalhada das práticas culturais para obter uma compreensão mais profunda das sociedades humanas.

E é partindo deste ponto que nos debruçamos sobre a proposta de "Descrição Densa" exposta por Geertz em sua obra "A interpretação das Culturas", como sendo um método de observação eficaz para trabalharmos com os dados coletados neste projeto. Uma vez que a descrição densa não busca apenas identificar, tão pouco diagnosticar culturas, comunidades e realidades, mas sim possibilitar a construção de uma linha de diálogo entre as duas faces de interação: quem pesquisa e quem é pesquisado (Talamoni, 2014, p. 55),



promovendo “o alargamento do universo do discurso humano” (Geertz, 2015, p. 24).

Por este prisma, Geertz também argumenta que a cultura é um sistema simbólico compartilhado, e, para entender sua lógica interna, é necessário mergulhar em sua teia de significados. A descrição densa envolve a observação detalhada e minuciosa das interações sociais, rituais, símbolos e discursos presentes em uma determinada comunidade. O objetivo é capturar não apenas os aspectos visíveis, mas também os significados culturais subjacentes e as interpretações dos participantes. Para realizar uma descrição densa, Geertz defende que o antropólogo deve se envolver em um trabalho interpretativo rigoroso. Isso inclui a análise cuidadosa das ações e falas dos participantes, a identificação dos símbolos e significados culturais relevantes e a contextualização dessas práticas dentro do quadro cultural mais amplo. É preciso explorar as camadas de significado, reconhecendo que a cultura é construída socialmente e subjetivamente interpretada pelos membros da comunidade.

Fazer a etnografia é como tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado" (Geertz, 2015, p. 20).

Dessa forma, o processo de estudo e análise cultural de determinada comunidade culmina na “Descrição Densa” proposta por Geertz, e que:

Consiste em sua capacidade de diferenciar um reflexo insignificante, uma leve contração muscular ou um relance de olhos, por exemplo, de um recurso comunicativo conscientemente empregado, a piscadela. A descrição densa examina o comportamento público em termos do que ele diz, não do que faz. Lê o conteúdo simbólico da ação, interpretando-a como um signo (Biersack, 1992, p. 100).

Por este prisma, compreende-se que a descrição densa é uma abordagem interpretativa que visa ir além dos fatos observáveis, buscando compreender o mundo simbólico e os sistemas de significado de uma cultura específica. Ao empregar essa técnica, o antropólogo é capaz de revelar as complexidades, contradições e sutilezas presentes nas práticas culturais estudadas, permitindo uma análise mais aprofundada e uma compreensão mais rica das sociedades humanas.



2. Relato auto etnográfico

2.1 A partida: 06 de julho de 2023.

"Eparrê
Aroeira
Beira de mar - canôa.
Salve Deus de Tiago e Humaitá.
Êta, costão de pedra dos homi brabo do mar...
Êh, Xangô,
vê se me ajuda a chegar".

Não é por acaso que inicio meu relato com um recorte da música "Samba do Avião" de Antônio Carlos Jobim. Como de costume, sou acordado todos os dias por alguma música aleatória da minha *playlist* organizada através de uma assistente virtual. E no dia 06 de julho de 2023, uma quinta-feira de inverno, antes mesmo dos primeiros raios de sol cruzarem as persianas da janela e o sabiá saudar a iminente chegada do astro rei, despertei por volta das 5h30 da manhã embalado pela melodia dessa consagrada canção da MPB. Minhas ações seguiram o ritmo da música: da cama ao banheiro, do banheiro ao guarda-roupas até estar devidamente pronto para seguir até a Cidade Universitária. Havia organizado todas as coisas na noite anterior: mala, mochila e remédios. Então, decidi me concentrar na ânsia de participar da aula de campo da Disciplina de Etnografia e Pesquisa em Educação, que compõe a matriz do curso de mestrado do Programa de Pós Graduação em Educação, e que foi ministrada pelos Professores Rosane Duarte Rosa Seluchinesk e Adriano Batista Castorino. Muitas dúvidas ainda pairavam sob minha cabeça: quanto tempo levará? Quem nos receberá? Como estará o clima em Vila Bela? Onde dormiremos? Será que consigo registrar meu ponto eletrônico? Questionamentos recorrentes que cruzavam meus pensamentos vez ou outra, sobretudo, pelo fato de ser a primeira vez que visitaria a antiga capital de Mato Grosso. Estava ansioso.

Minha saída de casa foi em cima da hora em virtude de um problema com o motorista que havia se comprometido em me buscar. Foi preciso solicitar outro carro faltando menos de 15 minutos para o horário de partida estabelecido: 8h00 da manhã. Temi não chegar a tempo. Embora soubesse que muitos dos colegas também estavam em trânsito, aquela situação me deixou tenso. Afinal, procuro fazer tudo com antecedência, sem atrasos. Em média, o caminho entre minha casa e a Cidade Universitária é feito em menos de 10 minutos, mas naquela situação, pareciam horas. Fitei meus olhos nos veículos que trafegavam na outra faixa da pista para me certificar de que os colegas já embarcados não passariam por nós no carro. A avenida Santos Dumont pareceu ter o dobro do tamanho, não chegava ao fim. O novo portal da Cidade Universitária podia ser visto de longe em virtude do seu verde soberano, e crescia à medida que nos aproximávamos. Crescia também o ritmo em que minhas pernas balançavam atrás do banco do motorista, não mais como ponteiros de relógios de segundo a segundo. Naquele instante pareciam seguir o ritmo de um metrônomo a 100 BPM.



Ao cruzar o portal de entrada Cidade Universitária, pude apreciar a cena que me concedeu gotas de alívio: meus colegas e professores ainda estavam se organizando próximo às vans, ao lado do Bloco do PPGEd. Um cenário que falava por si: malas, colchonetes, mochilas, garrafas, chapéus, bonés, cobertores, rostos ainda inchados remetendo à manhã que acabara de começar, semblantes fechados e ainda não amortecidos pela serotonina matinal além de risos descontraídos. Um quadro perfeito para uma aula de campo, tendo como pano de fundo o sol vaidoso que se vestia de um céu anil às 8h10 da manhã. Desci, ainda com certa tensão e atropelei uma série de protocolos e formalidades, em virtude do atraso. Contudo, pude perceber que estava tudo bem e que poderia ficar tranquilo. Após registrar meu ponto, agora mais tranquilo, me dirigi até aos demais colegas que, nessa altura, já estavam quase todos embarcados.

Os alunos foram distribuídos em duas Vans da Universidade do Estado de Mato Grosso. Entrei em uma das vans para acomodar minha bagagem e auxiliar alguns colegas. Devido ao número de alunos, os Professores Adriano e Rosane, seguiram em outro veículo logo à nossa frente. Mas antes, aguardaram todos embarcarem, deram orientações aos motoristas para que seguissem juntos. E enfim, com todos a bordo partimos às 08h15.

2.2 Rumo ao Oeste: de Cáceres à Vila Bela

O clima na van era de êxtase. Para muitos (como eu) aquela seria a primeira oportunidade de conhecer Vila Bela da Santíssima Trindade. Os grupos ficaram divididos, uma vez que a classe é constituída por dois programas de pós-graduação distintos: a turma 2023 do Programa de Pós-graduação em Educação e a turma 2023 do Programa de Pós-graduação em Geografia, além de alguns alunos especiais. Isso explica a forma como muitos se organizaram nos carros. Na van em que eu estava, a maioria dos colegas era do PPGEDU, com um ou outro colega da Geografia. Enquanto a outra van contava com quase todos os colegas da geografia. Sentei numa fileira atrás do motorista, a fim de conseguir apreciar uma boa vista da estrada, bem como dos arredores. Ao meu lado estavam Luanna e Avila, alunas regulares do PPGEDU. A presença das duas foi fundamental para tornar a viagem mais agradável.

Tomamos o percurso e vimos Cáceres ficando para trás: primeiro a universidade, depois as casas, ruas e cruzamentos. Às 8h31 estávamos atravessando a Ponte Marechal Rondon sobre o Rio Paraguai que naquela altura não demonstrava sinais da chegada da estiagem, em virtude das generosas chuvas que caíram na região entre novembro e maio passados. Este retrato foi replicado às margens da BR070, por onde seguímos, nos mananciais e bahias onde o nível da água ainda permitia que alguns pescadores se aventurassem em canoas ou às margens desses remansos, bem como as aves como Cabeças Secas, Garças, Biguás, Urubus, Carcarás que voavam em bandos enfeitando a vegetação - ainda verde e por hora florida - ao longo da estrada e dos alagados. Permanecemos na BR070 até alguns quilômetros após o posto da PRF.



Em seguida seguimos pela BR174, que nos levaria diretamente até Vila Bela da Santíssima Trindade, passando por comunidades como Caramujo, Tabuleta e cidades como Porto Esperidião, onde realizamos uma parada em um posto de combustíveis às 10h13. Tínhamos cerca de mais duas horas de estrada pela frente. A partir daí, a paisagem foi ganhando outra formatação. As áreas alagadas foram diminuindo e dando espaço para morros, planícies e grandes pastos marcados por uma ou outra APP (Área de preservação permanente). Às 11h03 passamos pelo distrito de Adrianópolis.

Logo deveríamos chegar em Pontes e Lacerda. E a vegetação ao redor da estrada ganha outras proporções e, ao passarmos pelo campus da UNEMAT às margens da BR 174, percebi à minha direita um paredão verde composto pelo mais variado tipo de vegetação: árvores muito altas, outras menores, mas não menos frondosas, circundadas pelos mais variados tipos de ramificações em contraste com os morros localizados logo atrás do campus da UNEMAT, do outro lado. Foi nesse momento que me dei conta de que entramos em uma área de transição de biomas, uma vez que deixamos o Pantanal para trás e até chegarmos em Vila Bela, contemplamos a zona de transição entre o cerrado e a floresta amazônica.

Chegamos a Pontes e Lacerda por volta das 11h21. Fazia calor e havia muito movimento nas vias que circundam a rodovia, dado o horário em que chegamos. Nosso comboio seguiu o itinerário e cruzou parte da cidade orientando-se pelas placas que indicavam nosso destino final. À frente, estavam nossos professores, Rosane e Adriano, embarcados em um Citroën C4 Cactus Cinza VTI FEEL, modelo 2022. Logo atrás, seguia o motorista Nereu com parte dos colegas embarcados na Iveco Daily modelo 2022 adesivada com o logo da UNEMAT. E por último, os seguíamos em nossa Fiat Ducato modelo 2022, também adesivada com a identidade visual da UNEMAT, guiada pelo motorista Manoel. Deixamos pontes e Lacerda para trás e, a partir daí, tentei identificar as espécies de plantas que se destacavam e tive dificuldade - dado meu limitado conhecimento em botânica. Contudo, Seu Manoel, nosso motorista, mostrou-se um exímio conhecedor da flora. Nos explicando o porquê de haver tantos babaçus e tucuns espalhados no cerrado à nossa esquerda - desde a base até o topo. Segundo ele alguns animais, como cotias e pacas, ao se alimentarem dos frutos atuam como dispersores de sementes e ajudam a promover a manutenção das espécies da flora. E a conversa fluiu junto com o tempo que voou no mesmo ritmo que as faixas no asfalto eram deixadas para trás. Às 11h49 cumprimos os últimos metros de faixa deixando a serra da Borda e vislumbramos o que considerei um “verde planalto escampado”, como é expresso em uma das estrofes do Hino de Mato Grosso.

Por um instante me preendi em alguns questionamentos: Como os nativos e aqueles que passaram por lá se referiam ao que estava posto ali, diante dos olhos? o que sentiram? como se expressaram? Será que seus tímpanos também doeram? Fiquei em silêncio e refleti sobre muitas vozes, memórias e saberes que foram apagadas ao longo da história, vítimas do processo de colonização brutal que nos permeia, vítimas do que Santos (1940) classifica como Epistemicídio.



O cansaço e a fome tomaram conta de todos dentro da van. Eu já havia secado minha garrafa d'água. Olhei para frente na esperança de enxergar algo que remetesse à cidade e pude ver os cambarás floridos que margeavam a estrada, e que pareciam prestar reverência às cordilheiras que apontavam no horizonte. Chegamos a Vila Bela da Santíssima Trindade às 12h18.

2.3 A acolhida: primeiro contato e interação

As atividades planejadas envolveram a acolhida dos pesquisadores, bem como a promoção de dinâmicas de troca entre os visitantes, moradores e lideranças locais. A primeira parada contemplou o almoço que foi servido na casa de uma família da cidade.

Ao irmos a campo é importante considerar algumas técnicas adotadas por etnógrafos e antropólogos a fim de que a experiência de imersão garanta profundidade e maior relação com o objeto de pesquisa. Entre as técnicas adotadas e ligadas ao processo de imersão ao campo, podemos destacar a observação como elemento fulcral no desenvolvimento da pesquisa, pois:

A observação etnográfica (ao contrário do tipo de observação que pode ser conduzida em uma situação clínica) é feita em campo, em cenários de vida real. O observador tem assim, em maior ou menor grau, um envolvimento com aquilo que está observando (Angrosino, 2009, p.73).

Partindo por esse prisma, podemos concluir que é importante considerar o envolvimento do observador com o objeto de estudo. No caso da observação etnográfica, esse envolvimento pode variar em intensidade, sendo maior ou menor, dependendo das circunstâncias. É essencial reconhecer que o observador é parte integrante da situação observada, o que pode influenciar sua perspectiva e interpretação dos eventos. Sendo assim, é notório o destaque dado ao espaço e ambiente, aos detalhes e nuances.

Ao lançarmos luz novamente sobre o processo de acolhida que recebemos ao chegarmos em Vila Bela, é possível trabalhar a percepção do espaço e ambiente além de outras nuances. Fomos recebidos em uma casa de família às margens de uma via de terra. O quintal remetia aos moldes de quintais clássicos interioranos: grandes, cheio de plantas ornamentais e ervas, árvores, varais, madeira etc. A visão era de uma casa ampla, de alvenaria com uma grande varanda que dava acesso ao outro lado do quintal. Um convite às memórias afetivas. Era cercada por uma estrutura de balaústre por todos os lados, e em determinado ponto, bem em frente à entrada da varanda principal, a cerca ligava-se aos portões, também de balaústre que, juntos formavam um portal de acesso ao ceio da casa que nos aguardava. O calor era amenizado pela brisa. Cadeiras de plástico estavam dispostas à nossa espera, próximas à uma grande mesa de madeira que cruzava o espaço de um lado ao outro. De pé, próximo ao batente da porta da cozinha e ao lado de uma mesa cheia de grandes panelas, estava a nossa anfitriã: Dona Germana.



Ao entrar, pedi licença – até mesmo para fotografar - uma das filhas da Dona Germana se aproximou e eu a agradeci por nos receber. Em resposta, tive um caloroso “vamo chegah!”. Caminhei até a porta de entrada, próximo da mesa do almoço, aonde em pé estava Dona Germana. Cumprimentei-a pegando em suas mãos e olhando em seus olhos. Suas mãos eram macias e estavam mornas. Seus olhos sorriam e não foi preciso dizer mais nada. Dona Germana havia cozinhado para nós. Usava um turbante azul, acessórios forjados em prata e um vestido colorido estampado com flores.

À essa altura, todos estavam acomodados: sentados no chão, em cadeiras, nas muretas ou de pé conversando. Assim que cumprimos os protocolos de recepção fomos convidados a nos servir. Mesmo durante a refeição era possível escutar as conversas que atravessavam o espaço junto do vento do início da tarde. Alguns dos colegas perguntavam, apontavam ou simplesmente observavam. Procurei absorver o momento. A mangueira ao fundo abrigava sob sombra uma pequena cobertura onde havia um fogão à lenha, além de um palanque de madeira que remetia à uma mesa rústica.

Após o almoço, Dona Germana toma nossa atenção e nos presenteia com uma pequena introdução da Dança do Chorado. E naquele momento todos a observavam. Os movimentos leves das mãos e quadril entram em harmonia com o ritmo do canto e, após nos servir um pouco de Canjimjim, Dona Germana encerra sua apresentação de forma típica: com a garrafa da bebida na cabeça e dançando com um lindo sorriso no rosto.

Muitas histórias foram contadas e partilhadas sob a sombra da mangueira ao fundo do quintal. No chão, a brasa utilizada no fogão à lenha ainda testemunhava os preparativos do almoço. Dona Germana entoava cantos das mulheres do seu povo, contava das dores de mães que viam seus filhos sendo levados para longe através das águas ou que eram torturados. O canto servia para amenizar os flagelos de vozes oprimidas. E não por acaso, em meio a atmosfera que se instaurou muitos marejaram os olhos debaixo daquela mangueira.

Por um instante, a narrativa da Dona Germana permitiu que eu criasse em minha mente todos aqueles cenários. Era possível visualizar o choro e o riso enquanto o canto seguia e os pés descalços levantavam a poeira; bem como as mãos que dançavam com o tempo. Contudo, fui interrompido por um som inconfundível aos meus ouvidos, mas, que de certa forma, não era esperado naquele local. Fui trazido de volta pelo ruído de motores de avião – e não qualquer avião. Olhei para cima e vi o que parecia ser um Boeing rasgando o céu de oeste para leste. Registrei aquela imagem com minha câmera e mais tarde pude constatar que era mesmo um Boeing 787-8, que realiza o voo de Santa Cruz de la Sierra para Madrid, operado pela cia espanhola *Air Europe* (voo UX26). Este sinal que confirmou nossa proximidade à Bolívia e que, de certa forma, criara uma inquietação em minha mente: estão fazendo o caminho de volta. Mas agora passam acima de nós.

Saímos da casa da Dona Germana com nossos corpos e almas alimentados. Aquelas horas nos permitiram contemplar a história viva através



dos relatos, performances e cantos proferidos por uma figura de luz e força, que foi um convite para refletir sobre o trabalho de imersão e a aula de campo. Visto que o aspecto que confere densidade ao trabalho etnográfico, segundo Geertz, (2015) não reside na quantidade de dados relatados, mas sim na qualidade, isto é, no grau em que esses dados são capazes de lançar luz sobre os acontecimentos internos do grupo, pois

[...] um relatório etnográfico não repousa tanto na capacidade do autor em captar os fatos primitivos em lugares distantes e levá-los para casa como uma máscara ou um entalhe, mas no grau em que ele é capaz de esclarecer o que ocorre em tais lugares [...]” (Geertz, 2015, p. 26).

Seguimos nosso percurso ao longo da tarde. Soubemos, através de uma de nossas anfitriãs, Flaviane, que seríamos recebidos na casa de uma ilustre figura vilabelense: o Sr. Belmão. Membro da Irmandade do Divino Espírito Santo, uma das tradicionais manifestações artísticas e culturais da região de Vila Bela. Sr. Belmão é remanescente de quilombolas e, ao receber a equipe em sua casa, não hesitou em compartilhar todo o histórico do festejo. Apresentou seus filhos e netos e nos abrilhantou compartilhando detalhes sobre a história da Irmandade do Divino Espírito Santo. Na varanda da casa, todos se colocaram a observar e escutar. Os trajes sob medida tecidos num cetim vermelho escarlate carregavam a estampa do festejo que cumpre o calendário de pentecostes (de acordo com a fé católica). O Divino Espírito Santo é representado por uma pomba branca, assim como na literatura judaico-cristã. Por fim, tivemos o privilégio de presenciar o ritual adotado durante o festejo que abrange toda a região, tanto rural quanto urbana. O grupo de jovens entoou junto de um acordeom:

*Chega, chega seus devotos, com o joelho no chão (2x)
Venham receber a glória, deste Senhor a Benção (2x)
É chegada em vossa porta, O Divino e a folia (2x)
Cantando pede a esmola, para festa no seu dia (2x)*

É nesse momento que somos apresentados às bandeiras – ricas e pobres -, ao cetro da imperatriz e a Coroa do Divino Espírito Santo.

Os olhos do grupo estavam em festa! A cerimônia é finalizada com dança e alegria. Não pudemos acompanhar a irmandade em decorrência do tempo e da agenda. Saindo daquele espaço fomos levados à secretaria de Cultura de Vila Bela e ao Museu Municipal. Instalado no antigo Palácio dos Capitães-generais no centro histórico.

O prédio havia passado por restauro. Embora carregasse marcas e elementos do período colonial, principalmente por preservar um estilo arquitetônico da época. Paredes largas e resistentes, grandes janelas e portas. Sua fundação é de pedra canga esculpida. As mesmas pedras que ainda resistem ao tempo nas ruínas da matriz e ecoam silenciosamente a memória daqueles que as forjaram.



Já dentro da edificação, fomos convidados para apreciar o vasto acervo cuidadosamente curado e preservado por uma equipe dedicada e muito atenciosa ao público.

Seguimos para um ambiente mais formal, uma roda de conversa com alunas do curso de pedagogia e algumas lideranças da cidade. Foi nesse momento, que compartilhamos ideias, perspectivas, projetos e ânsias. E aprendemos mais sobre Vila Bela e Seu povo. As festanças e costumes. Foi possível conhecer um pouco mais do povo de Vila Bela através das falas e exposições. Compreendemos quão fulcral é o papel desempenhado pela UNEMAT, como um braço do Estado, no auxílio do desenvolvimento de pesquisa, ciência e educação naquela comunidade. Contribuindo com o desenvolvimento de estudos acerca das subjetividades de Vila Bela, sua cultura, seu patrimônio material e imaterial. Tal reflexão mostrou-se viva na fala da Secretária de Cultura de Vila Bela da Santíssima Trindade, Czarina Brito, ao afirmar que Vila Bela “é uma capital de heranças”, e é preciso ampliar nossos horizontes diante das riquezas do nosso povo.

Assim o primeiro dia de aula de campo finalizou-se. Retornamos pela estrada até o campus da UNEMAT de Pontes e Lacerda, onde ocorreu o pernoite. E ali, muitos deram início ao processo de escrita do que foi observado e ouvido.

2.4 Segundo dia: visita às comunidades

Pela manhã do dia 07 de julho de 2023, todos estavam revigorados. O dia nos recebeu com uma manhã gelada.

Seguimos pela estrada fazendo o caminho para Vila Bela mais uma vez. Seguimos o cronograma e retornamos à casa da Dona Germana que nos recebeu com uma farta mesa de café da manhã composta por uma variedade de alimentos entre pães, biscoitos e bolos. Além do chá com café que nos aqueceu e forneceu energia para que continuássemos a nossa jornada.

Fomos guiados por três moças da comunidade: Flaviane, Tangriane e Soraia até o Quilombo. Antes, passamos pelo Rio Guaporé. A lua ainda estava no céu e enfeitava o extremo oeste no horizonte. A luz do sol fazia com que as cores refletidas pelos paredões da Serra Ricardo Franco fossem cinematográficas. A composição daquele quadro, junto ao Rio Guaporé, rendeu suspiros de todos do Grupo.

Pegamos a estrada novamente e dessa vez deixamos Vila Bela para trás. Seguimos em estradas de terra com destino à comunidade Porto Bananal, onde pretendíamos visitar o Quilombo do Boqueirão e Boa Sorte cerca de 26 km de distância de Vila Bela. Passamos por muitas pontes e, vez ou outra, nos deparamos com o Guaporé sinuoso seguindo por baixo de algumas pontes de madeira. Durante certa altura do trecho supomos que estávamos perdidos. Muita poeira, poucos pontos de referência. Mas por fim, chegamos.

O anfitrião foi o Sr. Paschoal de Melo, que nos recepcionou logo na entrada da propriedade com muita presteza e hospitalidade. O dia era



ensolarado e de céu aberto; entramos pela lateral da casa e passamos por uma área externa com um fogão à lenha aceso ainda com panelas – anunciam o almoço. Em decorrência do tempo curto, não foi possível apreciar com mais cuidado os arredores da propriedade. Fomos convidados a nos acomodar no bosque que fica dentro da propriedade. O vento era intenso de tal maneira que fazia parecer que as árvores cochichavam entre elas, e o assunto éramos nós que nos abrigamos ali no centro sob suas sombras. Uma meia-lua se formou para escutar o Sr. Paschoal que se abriu e contou histórias sobre sua infância, família e antepassados.

Durante mais de uma hora fomos agraciados pelas palavras de um homem sábio que soube esquadrinhar não só sua história de vida, mas todos os processos pelos quais Vila Bela e seu povo passaram. Era a história de verdade sendo contada por alguém que a viveu e a vive de verdade. Um privilégio que muitos estudiosos ainda não tiveram. Mais que histórias, o Sr Paschoal também falava de luta e sobrevivência: de pessoas, memórias e costumes.

Tudo isso nos atingiu além da pele, pois havia algo que fazia com que nossos olhos fitassem os olhos do Sr. Paschoal enquanto ele falava. Os olhos do nosso anfitrião eram como espelhos: conseguimos nos ver neles conforme as falas eram levadas pelo vento até nossos ouvidos. O momento contou com a participação da Sra. Betânia, moradora da comunidade que contribuiu com as falas do Sr. Paschoal ao longo da programação. O momento de interação entre os dois foi marcado por uma troca rica de saberes e memórias que nos permitiu compreender que,

Todos os grupos sociais, correlacionados com sua cultura, têm expressões e visões de mundo específicas. Traduzem a sua existência em palavras e orações que carregam um sentido e evidenciam o fazer e o querer que resultam das relações intersubjetivas. [...] As palavras não são neutras. Estão cheias de significados [...] (Zart, 2020, p. 205).

Nessa perspectiva, observamos a interseção entre linguagem e identidade cultural, demonstrando como os grupos sociais, como os Quilombolas, usam a linguagem para expressar suas visões de mundo e experiências. Considerando a ideia de que as palavras não são neutras, mas portam significados profundos que refletem a realidade social e a cultura de um grupo. Nossos professores, Rosane e Adriano levantaram discussões e mediaram algumas trocas para que pudéssemos extrair o máximo de informações possíveis. O almoço foi anunciado e precisamos seguir o protocolo. Encerramos nossa roda de conversas com um registro coletivo de imagens, palavras e sentimentos.

Devido ao tempo curto e ao planejamento que seguíamos, não foi possível continuar a seara pelas comunidades. Após o almoço na propriedade do Sr. Paschoal, foi possível debater, registrar e refletir sobre todos os momentos que havíamos vivenciado. Contudo, seria preciso muito mais tempo para cumprir com os objetivos desta pesquisa. Embora já fosse possível trabalhar com uma



série de levantamentos, a imersão mais prolongada permitiria outras leituras e construções.

Ao retornar para às sombras das árvores após o almoço, pude repousar em silêncio à procura de me integrar mais ao lugar. Em determinado momento mirei os rastros retilíneos feitos por um rastelo no chão e moldados pela força do vento. Fiquei por alguns minutos fitando aquela forma na terra e, do mesmo modo que Carlos Drummond de Andrade (1969) escreveu na Crônica Leilão do Ar "*num esforço de que não revelarei a fórmula*", me projetei por alguns segundos para dentro de um daqueles sulcos como se fosse um grão daquele solo, na esperança de que aquela terra pudesse me contar um pouco mais sobre seus filhos e frutos. E na tentativa de manter alguma raiz, algumas sementes foram plantadas em mim. As esperanças de retornar estão germinando.

3. Considerações Finais

Como este trabalho resultou de uma imersão, orientada pelo método etnográfico, que ocorreu ao longo de dois dias no município de Vila Bela, todas as falas estão eivadas de olhares, escutas, sensações e análises para a produção desta escrita. Foi um período marcado por trocas e diálogos que resultaram em muitos aprendizados tanto para os alunos e professores, quanto para os moradores de Vila Bela. Embora o tempo tenha sido curto, é seguro afirmar que as informações levantadas, podem oferecer aos leitores uma visão tangível da experiência vivenciada. Ao compartilhar esses registros, estamos fornecendo um retrato vívido e envolvente do passado e presente desses sujeitos, oferecendo uma compreensão mais abrangente de suas histórias que nos impelem a buscar também as nossas próprias raízes históricas. Ao criar essa conexão, esperamos que os leitores se sintam impelidos a explorar de forma mais aprofundada e pessoal essa realidade peculiar experimentada pelos moradores de Vila Bela. Ou ainda de experenciar as mesmas vivencias em outros espaços significativos para a formação humana com base nos saberes, conhecimentos e práticas culturais.

A experiência aqui relatada desperta o olhar para este local considerado, pela sua formação e constituição histórica, um quilombo urbano. Nesta perspectiva é imprescindível destacar que a história, cultura e vivências desses sujeitos também podem ser disseminadas globalmente, pois abordam questões raciais, bem como a inspiração de ações e mudanças significativas rumo a um futuro mais inclusivo e equitativo para as populações tradicionais que vivem em um certo isolamento social.

Sendo assim, concluímos que a história dessas comunidades possui um valor intrínseco, uma vez que ela fornece uma base sólida para o entendimento das desigualdades históricas e desafia a persistência das injustiças no presente. Ao transmitirmos essas narrativas, esperamos que elas ressoem nas mentes e corações das pessoas, nutrindo a determinação de lutar contra a discriminação racial e promover a igualdade em todas as esferas da sociedade. Para nascer deste cenário o entendimento de que Vila Bela da Santíssima Trindade é um patrimônio histórico, não só para o povo mato-grossense, mas sim, para todos os povos que ali coexistem e ressignificam as suas existências.



REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond. **A 1ª crônica no JORNAL DO BRASIL “Leilão do Ar”.** *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 out. 1969.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante.** Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BIERSACK, Aletta. **Saber local, história local:** Geertz e além. In: HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.97-130.
- BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-24782002000100003&lng=es. Acesso em: 30 out. 2024.
- CANOVA, Loiva. **Antônio Rolim de Moura:** um ilustrado na Capitania de Mato Grosso. Cuiabá: UFMT, 2008.
- CARVALHO, Patrícia Marinho. **Vila Bela e seus quilombos:** etnoarqueologia aos estudos da diáspora africana. Anais do XXVI Simpósio nacional de História - ANPUH - São Paulo, julho, 2011.
- FACCHINETTO, Janaína. **Vila Bela:** arquitetura, cultura e tradição negra cultivadas há 252 anos. I SEMINÁRIO ARTE E CIDADE - Salvador, maio de 2009.
- FURTADO, Marcella Brasil; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira; ALVES, Cândida Beatriz. **Cultura, identidade e subjetividade Quilombola:** uma leitura a partir da psicologia cultural. Psicologia & Sociologia: Universidade de Brasília. Brasília/DF, 2014.
- GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina.** Tradução de Galeano de Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas.** 1.ed. - [Reimpr.]. Rio de Janeiro: LTC, 2015.
- LORDELO, Monique Cristina de Souza. Escravos negros na fronteira oeste da capitania de Mato Grosso na segunda metade do século XVIII. In: XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25, 2009, Fortaleza. **Anais.** Fortaleza: ANPUH, 2009.
- MATO GROSSO. **História do município de Vila Bela da Santíssima Trindade.** Cuiabá, 2024. Disponível em:



<https://portalmatogrosso.com.br/historia-do-municipio-de-vila-bela-da-santissima-trindade/> Acesso em: 30 out. 2024.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de (Org). **Etnografia e Educação**: conceitos e usos. Campina Grande/EDUEPB, 2011.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.1996.111579. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111579>. Acesso em: 19 set. 2024.

RODRIGUES, Nathália Maria Dorado. **A atuação da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão na Capitania de mato grosso entre 1755 e 1778**. Usos do Passado - XII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH. Rio de Janeiro, 2006.

SELUCHINESK, Rosane Duarte Rosa; JESUS, Gisele Moura de. Desafios da Pesquisa Etnográfica com Povos Indígenas em Tempos de Pandemia: Aprendendo outras Estratégias Metodológicas. **Revista Humanidades e Inovação**. v. 9 n. 26 (2022): Educação como reinvenção da vida no pós-pandemia I. Disponível em: [file:///C:/Users/ROSANE/Downloads/8259-Texto%20do%20artigo-28317-1-10-20230404%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/ROSANE/Downloads/8259-Texto%20do%20artigo-28317-1-10-20230404%20(1).pdf). Acesso em: 30 ago. 2024.

SOUSA, Giuliana; TREVISAN, Ricardo. **Vila Bela da Santíssima Trindade, MT (1752)**: paisagem transicional de uma cidade centro-americana. ArquiSUR - Belo Horizonte, XXXVIII ENCONTRO ARQUISUR: A produção da Cidade Contemporânea no Cone Sul: desafios e perspectivas de Arquitetura e do Urbanismo. V. 01, 2019. 1- 16. Disponível em: <https://proceedings.science/p/110235?lang=es>. Acesso em: 20 jun. 2024.

TALAMONI, Ana Carolina Biscalquini. **PARTE II - A descrição densa**. in Os nervos e os ossos do ofício: uma análise etnográfica da aula de Anatomia. São Paulo: editora UNESP, 2014.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. **Cativos do sertão, vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850 - 1888**. São Paulo: Marco Zero/UFMT, 1993.

ZART, Laudemir Luiz; BITTENCOURT, Loriége Pessoa org. **Culturas e práticas sociais**: leituras freireanas. Cáceres: UNEMAT, 2020.

Recebido em: 12 de setembro de 2024.
Aceito em: 19 de novembro de 2024.
Publicado em: 02 de janeiro de 2025.

